

BARBA

Ao filho que vem vê-lo nos derradeiros instantes de sua existência, o pai, arquejante, pergunta: o que posso ainda fazer por ti? O menino não hesita na resposta:

— Quero que raspes tua barba. Vou completar doze anos e nunca te vi sem barba.

O pai, com imensa dificuldade, e sentindo que a vida se lhe esvai, reluta: explica que sempre usou essa longa barba, como seus antepassados. O filho insistindo, ele chama a enfermeira, pede que o barbeie. E, rosto escanhoadado, morre.

Antes que o enterrem o garoto pede para ver o pai ainda uma vez. Nota então que no rosto antes liso os pelos começam a emergir. Podemos nos livrar de todo o mal, conclui então, mas não podemos nos livrar da barba.

No dia seguinte matricula-se numa escola para barbeiros.

MEMÓRIAS DA AFASIA

Nos últimos anos de sua vida Mateus descobriu, consternado, que mesmo o seu derradeiro prazer — escrever no diário — lhe havia sido confiscado pela afasia, que nele se manifestava como esquecimento de certas palavras. A coisa foi gradual: a princípio, eram poucos os vocábulo que lhe faltavam. Recorrendo a um de sinónimos, ele conseguia preencher com êxito as lacunas. Com o decorrer do tempo, porém, acentuou-se o , e o desgosto por este gerado. Foi então que ele começou a deixar em branco os espaços que não conseguia preencher. Era com fascinação que contemplava esses vazios em meio ao ; tinha certeza de que as letras ali estavam, como se traçadas com tinta invisível por não também invisível. Essa existência virtual das palavras não o atligia, pelo contrário; sabia que o é tão importante quanto o não . No território da afasia ele encontrava agora uma pátria. Ali recuperaria o seu passado perdido. Ali se uniria definitivamente aquela que fora seu grande amor, uma linda moça chamada

AS URSAS

O profeta Eliseu está a caminho de Betel. O dia é quente. Insetos zunbem no mato. O profeta marcha em passo acelerado. Tem missão importante, em Betel.

De repente, muitos rapazinhos correm-lhe no encalço, gritando:

— Sobe, calvo! Sobe, calvo!
— Volta-se Eliseu e amaldiçoa-os em nome do Senhor; pouco depois, saem da mata duas grandes ursas e devoram quem rente e dois meninos: doze a menor, trinta a maior.

A ursa menor tem digestão ativa; os meninos que caem em seu estômago são atacados por fortes ácidos, solubilizados, reduzidos a partículas menores. Somem-se.

O mesmo não acontece aos trinta meninos restantes. Descendo pelo esfago da grande ursa, caem no enorme estômago. Ali ficam. A principio, transidos de medo, abraçados uns aos outros, mal conseguem respirar; depois, os menores começam a chorar e a se lamentar, e seus gritos ecoam lugubrememente no amplo recinto. "Ai de nós! Ai de nós!"

Finalmente, o mais velho acende uma luz e eles se vêem num lugar semelhante a uma caverna, de cujas paredes anfractuosas escorrem gotas de um suco viscoso. O chão está juncado de resíduos semi-apodrecidos de antigas presas: crânios de bebês, pernas de meninas. "Ai de nós!" — gemem.

— "Vamos morrer!"
Passa o tempo e, como não morrem, se animam. Conversam, riem: fazem brincadeira, pulam, correm, jogam-se detritos e restos de alimentos.

Quando cansam, sentam e falam sério. Organizam-se, traçam planos.
O tempo passa. Crescem, mas não muito; o espaço con-

13

finado não permite. Tornam-se curiosa raça de anões, de membros curtos e grandes cabeças, onde brilham olhos semelhantes a faróis, sempre a perscrutar a escuridão das entranhas. E ali fazem a sua cidadezinha, com casinhas muito bonitinhas, pintadas de branco. A escolinha.

A prefeiturazinha. O hospitalzinho. E são felizes. Esquecem o passado. Restam vagas lembranças, que com o tempo adquirem contornos místicos.

Rezam: "Grandes Ursas, que estais no firmamento...".
Escolhem um sacerdote — o Grande Profeta, homem de cabeça raspada e olhar terrível; uma vez por ano flagela os habitantes com o Chicote Sagrado. Fé e trabalho, exige. O povo, laborioso, corresponde. Os celeirinhos transbordam de comidinhas, as fabricazinhas produzem milhares de belas coisinhas.

Passa o tempo. Surge uma nova geração. Depois de anos de felicidade, os habitantes se inquietam: por um estranho atavismo, as crianças nascem com longos braços e pernas, cabeça bem proporcionada e meigos olhos castanhos. A cada parto, intranquillidade. Murmura-se: "Se eles crescerem de mais, não haverá lugar para nós". Cogita-se de planificar os nascimentos. O Governinho pensa em consultar o Grande Profeta sobre a conveniência de executar os bebês tão logo nasçam. Discussões infinitas se sucedem.

Passa o tempo. As crianças crescem e se tornam um bando de poderosos rapazes. Muito maiores que os pais, ninguém os contém. Invadem os cineminhas, as igrejinhas, os clubinhos. Não respeitam a policia. Vagueiam pelas estradinhas.

Um dia, o Grande Profeta está a caminho de sua mansozinha, quando os rapazes o avistam. Imediatamente, correm atrás dele, gritando:

— Sobe, calvo! Sobe, calvo!
— Volta-se o Profeta e os amaldiçoa em nome do Senhor. Pouco depois, surgem duas ursas e devoram os meninos: quarenta e dois.

Doze são engolidos pela ursa menor e destruídos. Mas trinta descem pelo esfago da ursa maior e chegam ao estômago — grande cavidade, onde reina a mais negra escuridão. E ali ficam chorando e se lamentando: "Ai de nós! Ai de nós!"

Finalmente, acendem uma luz.

14

PAI E FILHO, FILHO E PAI

Não havia como negar - o bebê era a sua cara - e, pressionado pelas duas famílias, assumiu: assim, aos catorze anos era pai. Difícil, muito difícil: cidade pequena, no começo do século, gente conservadora olhando-o feio na rua. Pior: pouco depois de dar à luz, a namorada, menina triste, recusou-se a ver o bebê; perturbada, acabou sumindo e nunca mais foi vista. Anos depois, correu a história de que havia morrido num hospício.

Ele teve, pois, de enfrentar sozinho a paternidade. Mas estava decidido, tão decidido quanto poderia estar um rapaz de sua pouca idade. Ajudado - não sem relutância - pelos pais, pessoas muito religiosas e responsáveis, dedicou-se por inteiro à tarefa. Trocava as fraldas do bebê, preparava as mamadeiras, dava banho. Era uma atividade contínua; só a interrompia para ir à aula e fazer os deveres de casa, bom aluno que era (mas não passou, infelizmente, do primário). De namoro e de futebol - adorava bater uma bolinha - não poderia mais sequer cogitar. Daí em diante sua

vida transcorrer
Pai era, e pai sei

O bebê fo

Os que não sal

chegados à cid

que eram irmã

não o desmentia

entender o que

pai: "Quem me

irmão mais velh

conto pro meu ir

um irmãozinho

vivo, muito esp

Juntos fic

nhum dos dois c

obviamente, ma

continuaram mo

assim a vida se

Agora o p

filho orienta, m

fica, como seria

parecidíssimos:

boca desdentada,

senis quase ao

coisas sem senti

os dois tiram a r

idosos a que am

sabe quem é o f

próprios, parece. Aquela que chama o outro de "paizinho querido" um dia, no dia seguinte gritará pelo "filhinho amado".

Não faz muita diferença. Algum problema

poderá surgir quando do óbito - quem morreu,

o pai ou o filho? - , mas o administrador do

asiló garante que esta dúvida não prevalecerá.

Ele sabe que, quando os dois chegaram, há

quinze anos, sendo alojados no mesmo quar-

to, o pai escolheu a cama da direita e o filho,

a da esquerda; em meio a toda a deterioração

mental que se seguiu esta escolha se manteve.

E se manteria pela eternidade, se eternidade

fosse possível, ou se - em sendo impossível -

admitisse o perene amor entre pai e filho.

IN SC L I A R, M e a c e y r " P a i e

Filho, filho e pai e outros

contos da coleção "Peto Alegre"

L 8 PM, 2010, pag 81-83